



Um gênero
seminal

MOACYR SCLiar



O conto tem sofrido oscilações na bolsa das

cotações literárias. Mas não há dúvida de que é preciso voltar a ele.

E para isso, o conto húngaro é uma grande porta de entrada

É impossível não gostar de Budapeste, como eu descobri, chegando de Paris, onde o tratamento ao turista não é exatamente caracterizado pela cortesia. A capital húngara era a própria amabilidade — às vezes dentro da precariedade. No quarto de nosso hotel não havia água quente. Depois de um banho frio (em pleno outono) pedi ao gerente que providenciasse o conserto. Dois dias se passaram e nada: a água continuava fria. No terceiro dia ele me disse: não consegui resolver o problema. Mas, acrescentou com um melancólico sorriso, se isto lhe serve de consolo, quero lhe anunciar que agora *todos* os quartos estão sem água quente.

Este contido, resignado, sábio humor, este humor que muitas vezes resulta do sofrimento e até da opressão, é um elemento constante nos *Contos Húngaros*, agora — felizmente! — reeditados pela Edusp (a primeira edição, de 1957, era da Civilização Brasileira). A iniciativa da antologia partiu desta notável figura de tradutor e intelectual que é Paulo Rónai, a quem o Brasil deve imensa gratidão. Em termos de restrição de leitores, o húngaro é ainda pior que o português, porque a Hungria nunca teve colônias; o idioma ficou restrito às suas fronteiras, sempre móveis, sempre tragicamente conflagradas, e àqueles que, como Rónai, emigraram. Não fossem as traduções de Rónai (que tem um continuador brilhante em Nelson Ascher — basta ver sua tradução dos poetas húngaros — ficaríamos privados do conhecimento de uma literatura surpreendente pela beleza e pela profundidade.

Talvez não seja por acaso que entre os húngaros tenham surgido grandes contistas. Frank O'Connor diz que o conto é a forma literária das sociedades caóticas — o que explicaria o desenvolvimento do gênero entre os russos, por exemplo. Mas desta matéria-prima anômica os escritores desta antologia construíram grandes histórias. Caracterizadas, em primeiro lugar, pela síntese. Aqui nós temos o conto como deve ser: curto, preciso. E sofisticado. É preciso não esquecer que a Hungria era parte do grande império dos Habsburgos, cujo esplendor ainda é visível tanto em Viena como em Budapeste. Daí o cosmopolitismo de seus intelectuais; a influência de Maupassant, por exemplo, é visível em muitas destas histórias, todas elas, com a única exceção de "Um Enterro Alegre" (que título mais sugestivo — e profético!), anteriores ao regime comunista.

É difícil destacar nomes (aliás de grafia difícil) entre os onze autores nesta antologia. Mas bastam dois exemplos. Um deles é Ferenc Molnar, representante, como destaca Rónai, do espírito *boulevardier* de Budapeste, e autor de um romance juvenil (adaptado aliás para o cinema) que encantou várias gerações, inclusive no Brasil: *Os Mentirosos da Rua Paulo*. Aqui Molnar comparece com uma história bem típica, "A Chave". A esposa volta para casa e encontra o marido que retornou mais cedo do que devia (um erro que os maridos jamais devem cometer). Nervosa, tira o lenço da bolsa, da qual cai uma chave — da casa do amante, óbvio. O esposo quer saber que porta a chave abre. Ela mente: da nossa sala de jantar. O marido — segundo erro! — resolve comprová-lo. Testa a chave na primeira porta: nada. Na segunda porta a chave funciona. A coincidência ajuda os transgressores.

Anedótico? Pode ser. Mas o que é o conto, senão uma anedota sofisticada e/ou filosófica? Em "Psicologia do Movimento Revolucionário, ou Materialismo Capitalista, ou Crise do Proletariado" (apesar do título propositadamente quilométrico o conto tem duas páginas, se tanto) de Frigyes Karinthy, nós temos, segundo o mais popular dos humoristas húngaros, "um exaustivo estudo teórico das lutas sociais, baseado no materialismo histórico". Este "exaustivo estudo" é o seguinte: um homem está na plataforma de um bonde lotado. Segura-se precariamente ao balaústre e rumina sobre o egoísmo dos que estão dentro, que não lhe cedem espaço. Isto, na primeira parte. Na segunda parte, algumas linhas após, o homem está dentro do bonde — indignado com os que querem entrar. Alguma semelhança com o diálogo Norte-Sul? Pois é.

O conto é um gênero que tem sofrido oscilações na bolsa das cotações literárias. Mas não há dúvida que é preciso voltar a este gênero verdadeiramente seminal em literatura. E para isso o conto húngaro é uma grande porta de entrada. Para o qual Ferenc Molnar e seus gentis companheiros nos fornecem a chave.